

“CONVERSÃO SINODAL”

O Papa Francisco vem pedindo insistentemente à Igreja sua **conversão sinodal**.

Muitos nem sabem o que isso significa; outros resistem a qualquer mudança.

Mas, na realidade, estamos vivendo uma mudança de época, favorável à conversão sinodal, uma mudança urgente.

Que a Igreja seja “sinodal” é de sua essência mesma como Comunidade de seguidores(as) de Jesus. A conversão sinodal é retomar o início fundamental da mesma Igreja. São séculos de história onde houve um caminhar de outra forma. Sua conversão, portanto, é urgente e inadiável.

Podemos falar de **“sinodalização”** da Igreja. O uso do substantivo faz referência a uma ação, a um processo: sinodalizar sinodalizando.

“Sinodal” significa **“caminhar com”**. Em grego, “sin” é “com” e “odos” é “caminho”.

Igreja Sinodal não é simplesmente uma Igreja que faz Sinodos, reuniões. A Igreja é Sinodal pois a totalidade de seus membros, todos e todas “caminham com Jesus” no mesmo caminho, que é a construção do Reinado do Pai.

Além disso, a Igreja é Sinodal porque a totalidade de seus membros, todos e todas “caminham uns com os outros”, muito unidos. Todos e todas são iguais em seu valor, sua dignidade, são ativos e participativos, ninguém deve ficar marginalizado.

Caminhar é viver, conviver, dialogar, consultar, discernir, decidir, atuar, construir..., é avançar.

Jesus “caminha construindo” o Reinado do Pai, no qual todos e todas são iguais na altíssima dignidade divina de filhos e filhas do Pai; portanto, todos e todas são igualmente irmãos e irmãs, que agora vivem e atuam em sua Casa comum, o planeta terra, e depois herdam a Casa eterna do Pai. Ninguém está acima desta divina dignidade.

Jesus “caminha com o povo”, em especial com o empobrecido, excluído, abandonado, aquele a quem lhe despojaram de sua dignidade e o lançaram na periferia existencial.

Jesus “caminha com eles e com elas, colocando a periferia no centro dos destinatários desse Reinado.

Por causa disto, o ameaçam de morte para deter seu caminhar e, ao não conseguir detê-lo, o assassinam brutalmente. O Pai o ressuscita e assim Jesus continua seu “caminhar com” a Comunidade de seus discípulos até o final dos tempos.

O caminhar de Jesus é “sinodal”.

Jesus “caminha com a Igreja” construindo o Reinado do Pai. Esta é a finalidade da Igreja, a razão de seu existir. Jesus sempre caminha “com” a Igreja, seu caminhar é “sinodal”. A Igreja nem sempre “caminha com Jesus nem constrói o Reinado”. A conversão sinodal da Igreja é inexcusável e é urgente. A Igreja é Comunidade “Sinodal” igualmente em seu “caminhar com a totalidade de seus membros”, construindo o Reinado do Pai, ninguém é excluído, ninguém é de segundo nível. Cada um e cada um dos seguidores de Jesus são tidos em conta e participam ativamente. Todas as pessoas que são membros da Igreja o são em virtude do sacramento do Batismo.

Este sacramento confere a quem o recebe a filiação divina, a mais alta dignidade que um ser humano pode ter. Ninguém é superior a um filho ou a uma filha de Deus. São irmãos e irmãs entre si a um nível igual. Se na Igreja há alguma diferença em dignidade, se alguém crê ser superior a outros, essa Igreja não é “sinodal”, é infiel a Jesus, é uma contradição ao Evangelho. Se alguma diferença em dignidade é admitida como válido, é um abuso que é preciso suprimir.

Se isto é praticado a séculos, se já se fez normal, sua anulação deve ser imediata. Somente existem diferenças em razão das distintas obras que cada um realiza para edificar o Reinado do Pai. Mas, a essas diferenças nunca se pode permiti-las que desnivalem a igualdade na altíssima dignidade que a filiação divina confere no Batismo. A Igreja não é pirâmide, a Igreja é “Comunidade”, “Povo de Deus”, santo, profético e sacerdotal.

Os abusos são eliminados na medida em que os membros da Igreja vão atingindo sua “conversão sinodal”. O poder religioso pode ordenar a eliminação dos abusos. O problema é que, muitas vezes, o poder religioso pratica os abusos. Além disso, o que se manda é obedecido por sujeição, não por convicção, e isto não ajuda.

A conversão é fruto da convicção. A convicção é um movimento que no interior caminha com princípios e no exterior se manifesta em mudanças visíveis. Convicção sem mudanças é estéril, mudanças sem convicção são fachada superficial cosmética.

As grandes mudanças são iniciadas por alguns, outros lhes vão seguindo, a autoridade os ratifica.

O Papa Francisco é modelo neste proceder. Pede a conversão sinodal, vem dando o exemplo e espera a corresponsabilidade de todos e de todas. Uns já deram alguns passos. Outros o desejam e esperam uma ordem que não chega. Alguns se opõem porque vivem gulosamente do abuso. Não faltam aqueles que defendem os abusos por vergonhoso infantilismo ou por ignorância, crendo que "se isso se faz assim, está bem". Estes são dignos de lástima e causam danos.

Papa Francisco teve o acerto nos Sinodos anteriores que ele convocou, de iniciar um processo "sinodal" consultando o Povo de Deus a nível mundial. Todas as dioceses foram envolvidas. Poucas participaram. A maioria não compartilhou com o Povo. Há muito que mudar desde agora para que essa reunião seja realmente "sinodal", diferente das anteriores compostas só por homens, idosos, solteiros, com uniformes anacrônicos, insígnias principescas, adornos que encarceram suas mentes, afastados fisicamente do empobrecido que morre de fome.

Esta Igreja "sinodal", que "caminha com Jesus" construindo o Reinado do Pai e que igualmente "caminha com" cada um e cada um dos seguidores de Jesus, tem um inimigo que a profana já faz séculos. A "conversão sinodal" consiste em eliminá-lo.

O **clericalismo** é o inimigo que profana a Igreja "Sinodal", contradiz de frente a Jesus e a seu Evangelho, anula à Igreja como sal e fermento do Reino do Pai. "O clericalismo é câncer mortal para a Igreja", é expressão dolorosa repetida pelo Papa Francisco.

O **clericalismo é exercido pelo clero**, mas é permitido pelo restante da Igreja, alguns talvez sem dar-se conta. Faz muitos anos que se instalou como um quisto na Igreja e a dividiu.

Mesmo partida, a Igreja faz muito bem à humanidade, pois a Igreja não encarcera a misericórdia do Pai. Mas a Igreja deve curar-se do clericalismo, através de uma rápida "conversão sinodal".

Clero e sacerdócio são distintos. Pode haver sacerdócio sem clero. Oxalá, logo volte a ser assim. O sacerdócio é um serviço. O clero é uma casta social que se apropria de privilégios abusivos, se coloca numa superioridade que desnivela profanamente a igualdade da dignidade dos filhos e filhas de Deus recebida no Batismo. Pior ainda, torna-se um poder que sub-juga escandalosamente tudo e abre a porta a todo tipo de fáceis abusos e que chegam à profanação sexual de crianças.

O **sacerdócio** é um ministério, e é diferente de outros ministérios, como todos os ministérios são diferentes uns dos outros. Mas a diferença não concede a nenhum ministério profanar a igualdade da filiação divina do Batismo.

O clericalismo foi se instalando como um quisto na Igreja pouco a pouco e se concretizou com o imperador Constantino no séc. IV, com proveito político para ele e desfiguração da Igreja que passou a ser comunidade pirâmide, onde uns poucos estão em cima e o restante embaixo. O César-papismo e logo o papo-cesarismo foram sendo artificialmente sustentados com teologias acomodadas e costumes trapaceados. Poder absoluto no clero e ignorância submissa no Povo cozinham o clericalismo.

A "conversão sinodal" exige, da parte do sacerdócio, a rejeição a toda forma de clericalismo e, da parte do povo, lhe exige ajudar o sacerdócio em sua conversão sinodal e ajudar-se a si mesmo em sua própria conversão sinodal. Uns e outros devem fazer isso por convicção, que no interior se refere a princípios e no exterior se manifesta em costumes.

Quanto aos princípios: são poucos, mas básicos e decisivos.

Quanto aos costumes: alguns costumes do clericalismo que causam danos à igualdade sinodal:

Vestimentas (soli-deo; roupas principescas); **insígnias** (peitoral com a cruz e o crucificado, adornado com jóias, anel - a única insígnia do seguidor de Jesus é amar); **titulos** (todos foram condenados enfaticamente por Jesus

Igreja hierárquica ou sinodal?

Gelabert

Sentimos a necessidade de uma Igreja Sinodal em todos os níveis, uma Igreja na qual haja estruturas que permitam a participação de todos os cristãos nas decisões que lhes concernem.

Precisamente, a palavra "sínodo" expressa a ideia de caminhar juntos, buscar em comum, partilhar experiências, escutar-nos com simpatia uns aos outros, saber ver na opinião alheia uma mesma busca de caminhos evangélicos, talvez ainda expressos a partir de outras necessidades e outras experiências.

Uma Igreja sinodal seria assim expressão concreta de fraternidade. A sinodalidade na Igreja não deve ser confundida com democracia política, embora em algumas ocasiões também a sinodalidade se expresse democraticamente.

Não se pode confundir sinodalidade e democracia porque a sinodalidade não é exatamente a busca de maiorias que decidem e impõem sua opinião sobre o resto, mas a busca de consensos, a capacidade de escutar-nos uns aos outros, ativar o espírito de discernimento, para que, no momento de decidir possamos fazê-lo não buscando só o próprio interesse, mas também o interesse dos outros.

Nas comunidades dos seguidores de Jesus todos devem se sentir contentes e a gosto, porque são comunidades fraternas. Os irmãos não votam para ver quem tem maioria; tampouco votam para que um mande sobre os outros. Os irmãos se escutam, se respeitam, se valorizam. E tomam decisões buscando o bem de todos, procurando integrar todos os pontos de vista na decisão comum, sem que ninguém se sinta marginalizado com a decisão tomada.

Por outra parte, quando é preciso tomar uma decisão sobre algum assunto ou sobre pessoas, sobre responsáveis pela comunidade, a sinodalidade se expressa democraticamente. Espontaneamente muitos pensam que a Igreja é essencialmente hierárquica, na qual se estabelece uma ordem de superioridade ou de subordinação entre pessoas. Inclusive alguns concebem essa hierarquia de modo militar, com uma escala de mando: há um chefe supremo (o Papa), que nomeia os chefes subalternos de segundo nível (os Bispos), e estes chefes de segundo nível nomeiam os últimos chefes menores departamentais (os párocos).

Conceber assim a Igreja é um erro fatal. Porque nela se parte da comum dignidade e igualdade de todos seus membros, tornados filhos de Deus, irmãos de Cristo e templos do Espírito pelo batismo. Se na Igreja há funções e ministérios, estes são concebidos não à maneira mundana (como muito bem advertiu Jesus: os chefes das nações funcionam com seus critérios; os vossos critérios são diferentes), mas a partir do serviço mútuo: quem queira ser primeiro entre vós, que seja vosso servidor. Na Igreja há muitos ministérios, sem dúvida. Não esqueçamos que ministro quer dizer “menor”, ou seja, servidor.

Para uma Igreja sinodal

Card. Michael Czerny, sj

Quando o termo “**sinodalidade**” se aplica à Igreja, não tem a intenção de designar um mero processo de tomada de decisões. Antes, torna-se explícito uma característica fundamental da identidade eclesial: sua dimensão comunitária e sua essencial missão evangelizadora, sob a guia do Espírito Santo.

Como evento de comunhão, que tem sua origem no mistério do Deus Trino, a Igreja se manifesta e se realiza como “povo de Deus” que caminha unido.

Esta é sua vocação originária: reunir todos os homens e mulheres da terra, de todos os tempos, para fazê-los partícipes da salvação e da alegria de Cristo.

Em várias ocasiões, o Papa Francisco que a sinodalidade funda, modela e reforça tanto a vida da Igreja como o testemunho e o serviço que está chamada a prestar à família humana. *“Caminhar juntos é a forma constitutiva da Igreja; a chave que permite interpretar a realidade com os olhos e com o coração de Deus, a condição de seguir o Senhor Jesus e ser servidores da vida neste tempo ferido”.*

A sinodalidade é o **modus vivendi et operandi** com o qual a Igreja vive a corresponsabilidade de todos os seus membros e intensifica seus laços de amor fraterno.

Embora não encontremos o termo “sinodalidade” no Vat II, no entanto, este termo traduz e resume a eclesiologia de comunhão expressa pelo Concílio.

A Igreja dos primeiros séculos costumava enfrentar os problemas importantes como comunidade à escuta do Espírito. Recuperar a doutrina conciliar sobre a Igreja será útil para mostrar como a sinodalidade representa um retorno às fontes e a uma modalidade de governo presente nela desde as origens.

O conceito de “sinodalidade” é mais amplo que o de “colegialidade”. Enquanto que a sinodalidade implica a participação e implicação de todo o povo de Deus na vida e missão da Igreja, a colegialidade se refere à forma em que se exerce o ministério dos bispos “cum et sub Petro”.

“**Sínodo**” não expressa exclusivamente essa estrutura eclesial que pertence ao governo colegiado, mas que é a forma visível de comunhão na qual todos os batizados participam pessoalmente deste governo.

A Igreja não pode deixar de assumir a sinodalidade como “trait de union” entre a unidade do corpo e a pluralidade dos membros.

Segundo o Papa Francisco, *“o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio”*

O caminho da sinodalidade representa um requisito indispensável para dar à Igreja um impulso missionário renovado: todos os membros da Igreja são sujeitos ativos da evangelização e discípulos missionários.

A coresponsabilidade de todo o povo de Deus na missão da Igreja requer que a presença e a voz dos leigos se façam mais participativas.

Na Igreja constitutivamente sinodal, a pedra angular está na escuta: toda prática sinodal “começa pela escuta do povo de Deus”, “continua pela escuta dos pastores” e culmina na escuta do Bispo de Roma.

Escutar a Deus até o ponto de escutar com Ele o clamor do povo; escutar o Povo até respirar nele a vontade à qual Deus nos chama.

Portanto: **escutar, caminhar e servir.**

Por isto se deve realizar o “discernimento comunitário” que significa prestar atenção à vontade de Deus, não em uma pessoa concreta, mas em todo o povo de Deus, buscando sempre o eco que a realidade reverbera no espaço interior.

O processo sinodal apresenta à Igreja um desafio fundamental: entender a “comunhão” como “inclusividade”, de modo que todos possam sentir-se responsáveis da vida e missão da Igreja, sobretudo os pobres e os pastores da Igreja.

Mas, que é preciso fazer para que cresça a sinodalidade na Igreja? É necessário iniciar processo de conversão, ou seja, de “discernimento, purificação e reforma”, para que todos possam adquirir e interiorizar os princípios de uma espiritualidade aberta à “comunhão inclusiva”, mais que a espiritualidade que se limita a buscar a perfeição individual.